



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

verdadeira historia do PUM

por Olavo

Continuação do numero anterior

Ao ver-se estupidamente apanhado quando á se julgava livre de qualquer complicação, o Pum sofreu um grande abalo e caiu desmaiado. A mãe, afflittissima, agarrou-se ao filho, gritando que não consentia que tocassem no seu querido Pum!

Mas os homens dos bigodes (que os meninos já devem ter compreendido serem policiaes secretas), não quiseram saber de desgraças, e, agarrando no Pum pela gola do casaco, arrastaram-no pela escada abaixo (era um quinto andar, imaginem!) e meteram-no num taxi, enquanto a pobre mãe, chamando mais uma vez pelo seu adorado Pum, morria com um ataque de coração.

Pouco depois, acompanhado pelos policiaes, entrava no Governo Civil o infeliz Pum, que já tinha voltado a si do desmaiado passageiro que tivera.

Foi o juiz, sr. João Heroi, quem primeiro interrogou o nosso homem:

—Como te chama?

—Pum!

—Faz parte da policia há muitos anos?

—Ha apenas um ano,— respondeu o Pum, muito envergonhado, com os olhos baixos.

O juiz continuou:

—Sabe a razão porque o prenderam?

Pelo sim e pelo não, o Pum foi dizendo—que não senhor; não sabia.

Então, o sr. João Heroi, vagarosamente, saboreando o seu triunfo, foi estendendo, uma a uma, sobre a secretária, cinzenta, notas falsas de mil escudos.

O Pum, fulminado, por cada nota que ia aparecendo, julgava que lhe arrancavam um ano de vida. E, como não tencionava viver mais de cinquenta anos, pensou morrer, quando o sr. João Heroi apresentou a última nota, dizendo:

—Confessa tudo, não é verdade?

E o juiz, sem esperar resposta, continuou ainda:

—O senhor sabe qual é o castigo que se costuma dar em França aos fabricantes de moeda falsa?

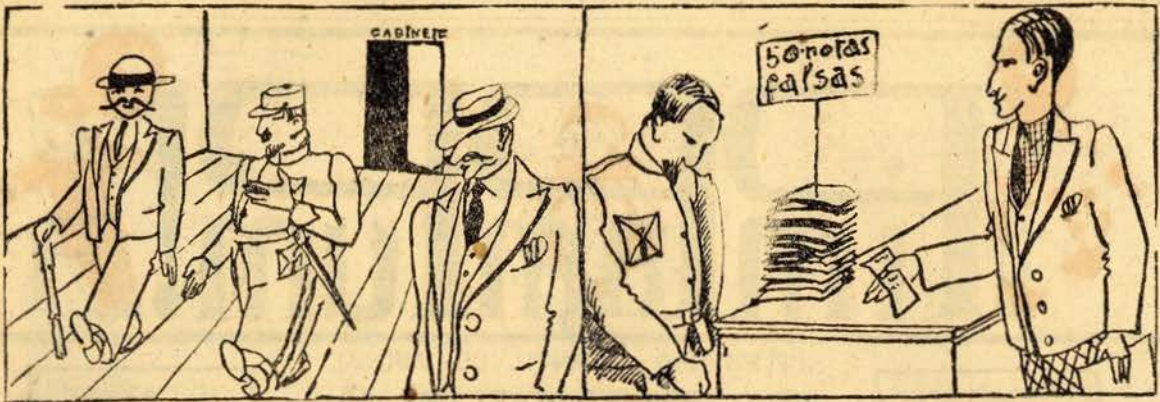
O Pum, muito enfiado e a tremer, pediu ao sr. João Heroi que desculpasse a sua ignorância, porque nunca tinha iajado senão até Cacilhas, e, embora tivessem passado dez



Ao ver-se apanhado....



2700
12000
2700
0,40



anos sobre essa viagem, lembrava-se muito bem de que tinha vomitado imenso.

—Mas que tenho eu com os enjões?—Gritou, já desesperado, o ilustre juiz.

—Fique sabendo que, se isto acontecesse em França, o sr. Pum seria castigado com trabalhos forçados por toda a vida.

O pobre Pum, ao ouvir isto, ia deixar-se morrer, definitivamente, de terror, quando o juiz, alargando os braços num gesto de desânimo, disse ainda:

—Mas, pode estar sossegado, infelizmente, em Portugal, as coisas não se passam assim. O sr. Pum será tratado com consideração e respeito e confortavelmente instalado numa cabine de luxo da prisão do L. moeiro. Não sei se sabe também, que o seu cúmplice Anastácio, já foi preso há algumas horas e está hospedado no palácio da Penitenciária. Ele diz que não sabia donde vinha o dinheiro que o senhor lhe emprestou e muito menos que era falso. A liberdade do Anastácio, depende, portanto, das suas declarações.

Então o Pum, num rasgo de lealdade, confessou que

mim, obriga-me a guardar segredo sobre os nomes dos meus cúmplices.

—Nesse caso, — declarou o juiz. — Vejo-me obrigado a conservá-lo preso, a não ser que queira pagar fiança para poder sair em liberdade, mas deixando, é claro, de fazer parte da corporação da polícia.

—E em quanto importa a fiança?—Indagou o Pum, ansioso, com as algibeiras a abarrotar de dinheiro.

—São cento e quarenta mil escudos; — disse o juiz com um sorriso de troça.

Então, diante do pasmo de todos os presentes, o Pum, sacando dos maços de notas que trazia nas algibeiras, começou a contar com cuidado. Havia cento e quarenta e um mil escudos. Restava-lhe apenas uma nota de mil escudos, que guardou.

O juiz disse que estava tudo muito bem, passou-lhe o o recibo, e, alguns minutos depois, o Pum saiu do Governo Civil, em liberdade, mas arruinado, com os distintivos de polícia arrancados, despojado do cinturão onde pendia o sabre, coberto de vergonha e de infinita tristeza.



tudo o que o Anastácio tinha dito era a pura verdade. A culpa era dele, só dele. Então o juiz, um pouco comovido com a sinceridade do Pum e adivinhando nele um bom fundo, disse-lhe, colocando-lhe a mão no ombro, paternalmente:

—Ouça, sr. Pum, se confessar quem são os seus cúmplices, poderei, talvez, dar um arranjo a este assunto, em seu favor.

O Pum, contente, por ver que tinha uma ocasião excelente de ganhar as boas graças do juiz, preparava-se já para denunciar os Irmãos da Morte, quando se lembrou do juramento sagrado que fizera ao «Pote».

O Pum era imensamente religioso, e, para ele, quebrar um juramento, era pior do que tudo. Houve alguns momentos de silêncio.

Então o Pum começou a falar devagar e a custo, como se lhe enterrassem, também devagar, uma grande faca no peito:

—Sr. João Heroi, creia que tenho muita pena de não poder satisfazer o seu pedido, mas uma força superior a

lentamente, dirigiu-se para casa, onde o esperava o maior desgosto da sua vida.

CAPITULO III

Acho melhor não falar nas horas amargas que teve de suportar o desgraçado Pum quando chegou a casa e encontrou morta a sua querida mãe. Sofreu como pôde mais essa infelicidade. Enterrou a infeliz senhora com o conto de réis que lhe sobejava, tendo ainda que vender quasi todos os moveis da casa, para acudir ao resto da despeza e também para comer durante os dias que ficasse desempregado. Apenas conservou um enxergão e um banco de três pés, que nem sequer valiam uma moeda de meio tostão. Começou a pensar seriamente no caminho que devia tomar na vida, agora que se encontrava sem o menor recurso que lhe pudesse valer. Depois de muito matutar, veio-lhe uma idéa que lhe pareceu esplendida e que muito o admirou não ter chegado há mais tempo.

Continúa no próximo número

UM RASGO DE NOBREZA

■ POR FERNANDO A. SIMOES ■

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

E tão bem se houve, dando espadeciradas a torto e a direito, que alguns segundos depois o feroz carnívoro exalava, com um grande estremecimento, o último suspiro. Não teve tanto trabalho com o segurado, pois este, quando viu o caso mal parado, entendeu que o mais conveniente era fugir.

Ao ver chegar o socorro que tão ansiosamente pedira, D. Alvaro sentiu-se invadido pela esperança; mas quando reparou em quem o trazia, o seu orgulho, revoltado por ter de aceitar um favor daquele que considerava seu inimigo, ordenava-lhe que o mandasse embora e que preferisse morrer a ser salvo por ele. Não teve, no entanto, tempo para isso, pois a acção de D. Luís foi enormemente rápida.

Mas... que é isto?

Por uma súbita reviravolta, um milagre talvez, D. Alvaro, ao ver o arrojado, a intrepidez e a nobreza de ânimo, com que D. Luís expunha a vida, por aquêle que pouco antes o quizera matar, sentiu que no seu coração principiava a formar-se um sentimento que até aquêle dia desconhecia: a gratidão.

Ao mesmo tempo, sentiu-se também invadido pelo arrependimento, o remorso de ter tratado tão infamemente um rapazinho que naquela ocasião estava praticando um acto de tão grande nobreza.

Travou-se no seu íntimo uma temerosa luta entre o orgulho e a gratidão, e o resultado foi cair, chorando, aos pés de D. Luís, beijando-lhe fervorosamente as mãos como sinal de reconhecimento, logo que o último lobo desapareceu.

O filho de D. Rodrigo, atônito durante alguns instantes, compreendeu depois, num momento, o porquê daquela brusca mudança, e então, não consentindo que D. Alvaro continuasse por mais tempo de joelhos a seus pés, levantou-o, e estreitaram-se, chorando, num grande e comovedor abraço.

Quando António, o velho criado, conseguia fazer chegar

o seu trôpego cavalo ao pé da clareira, não se cansou de esfregar os olhos, receando ser vítima de uma ilusão. Podia lá ser: o seu querido amo, abraçado a um rapaz que pouco antes o quizera matar! Mas quando reparou que tanto um como outro choravam, o seu espanto duplicou, e sentiu uma estranha comoção, cuja causa elle próprio não sabia explicar, mas que o forçava a levar a mão aos olhos, a fim de esconder uma lágrima rebelde e indiscreta que ali aparecia.

Quando D. Luís chegou, com o filho de D. António, ao castelo de seu pai, este ficou altamente admirado de o ver em tanta intimidade com o filho do seu inimigo.

La D. Luis explicou-lhe os motivos que a isso o tinham levado, omitindo, no entanto, os diversos episódios em que o seu novo amigo representara um tão triste papel. Este, porém, não lho consentiu, e nobremente sem ocultar coisa alguma, contou a D. Rodrigo tudo o que se tinha passado, acabando por, a chorar, suplicar ao velho fidalgo que lhe perdoasse, ao que este acedeu comovido.

No dia seguinte, D. António Continho, já prevenido por um criado de D. Rodrigo, do sítio onde se encontrava seu filho, foi ao castelo do seu rival de tantos anos, e aí, depois de informado por D. Alvaro dos motivos que o haviam forçado a não ir para casa, apeou-se do seu pedestal de orgulho, e selou, num grande abraço que trocou com D. Rodrigo, as pazes que seus filhos haviam principiado.

Nas extensas matas dos dois poderosos senhores, voltou novamente a reinar a alegria, e passaram a reorganizar-se as fabulosas caçadas de outrora.

D. Luis e D. Alvaro foram, daí para o futuro, dois amigos inseparáveis, tanto mais, que este tomava sempre aquêle para modelo de todas as suas acções, e não esquecia jámais, o rasgo de nobreza de D. Luís, ao qual devia a sua regeneração.

■ F I M ■

PARA OS MENINOS COLORIREM



noite
de
S. João

OLAVO

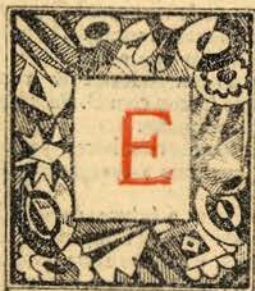


ERA UMA VEZ...

:: A PRINCEZINHA VERA :: E A BRUXA MILCARACOIS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE OLAVO



RAM uma vez um príncipe chamado Orlando, uma princesa Vera e uma bruxa Milcaracois.

Milcaracois era velha, corcunda, maneta e coxa. tinha uma grande inveja de todas as pessoas que não possuam — graças a Deus — nenhum defeito físico.

O príncipe Orlando e a princesinha Vera, eram dois exemplares de rara formosura. Gostavam muito um do outro. Amavam se loucamen-

te. Todas as noites no caramanchão do seu régio Paço, a princesinha se debruçava para falar ao príncipe Orlando e um lindo papagaio era a única testemunha daquele amor que os pais da princesinha, contrariavam porque tinham um grande ódio aos pais do príncipe Orlando, desde que estes lhe haviam declarado guerra; guerra que durara três anos e em que eles haviam sido vencidos.

A bruxa Milcaracois tinha entendimentos com o Diabo que, todas as noites, lhe aparecia disfarçado em môcho, e que lhe havia dado o poder de transformar em ávezinhas as pessoas que ela mais invejasse, até que, morrendo, acabariam por entrar no Inferno.

Ora um dia, estando a princesinha Vera a falar com o príncipe Orlando no seu caramanchão, ao pé do papagaio, que repetia tudo quanto ouvia, menos o que diziam os dois



OLAVO



namorados que, por cautela, falavam sempre baixinho, passou por eles a velha bruxa vesga, sarabulhenta, aleijada. Ao vê-los tão formosos, cheia de inveja, pragrejou: — Sou a bruxa Milcaracois, que o Diabo, meu Senhor e meu Amo, vos transforme em rouxinóis. Logo uma nuvem de fumo de enxôfre queimado, encheu todo o espaço e, subitamente, desapareceram os dois namorados, aparecendo, em seu lugar, dois lindos rouxinóis que principiaram cantando sôbre o caramanchão, seguindo a bruxa o seu caminho, muito contente pelo seu malfício.

No dia seguinte, o Rei e a Rainha, pais da princesa Vera, após baldadas pesquisas por toda a parte, mandaram lançar pregões, prometendo metade do seu reino e de todos os seus bens a quem descobrisse o paradeiro da filha, que muito estremeciam, apesar da oposição que faziam ao seu casamento com o príncipe Orlando. Convencidos de que por este havia sido raptada, declararam guerra a seus pais que, muito desgostosos, haviam lançado igual pregão em seu reino. Entretanto, declararam que a guerra só se daria, caso sua filha não aparecesse no praso de quinze dias.

Decorrida uma semana o jardineiro do real palácio, que era muito amigo da princezinha e que quasi não fazia senão chorar desde que ela desaparecera, estando a regar o caramanchão onde os rouxinóis cantavam melodiosamente, ouviu o papagaio a falar!

— *Eu sou a Milcaracois;
que o Diabo e meu Senhor,
vos transforme em rouxinóis!*

Tão impressionado ficou com semelhante revelação, que nem sequer reparou que o rei se aproximava e, distraidamente, a olhar para o papagaio apontou a agulheta da mangueira para Sua Magestade que apanhou um duche como nunca havia tomado e que ficou num pinto.

Desesperado El-Rei por aquela distração do seu jardineiro, deu ordem para que o prendessem numa masmorra, fosse julgado e condenado à morte.

No dia do julgamento, porém, o velho Jacinto, assim se chamava o pobre jardineiro, declarou que não havia feito por mal o delito de que o acusavam e que apenas fôra motivado pela grande comoção de haver descoberto o paradeiro da princezinha Vera e do príncipe Orlando.

No tribunal, juiz e jurados supuzeram que êle inventara aquela desculpa como simples estratégia para conseguir prolongar a sua existência, adiando por algum tempo a sentença de morte, e sorriram incrédulamente! Como, porém, debulhado em lágrimas, supplicasse licença

para falar ao rei, foi levado à presença deste que, após as suas declarações, disse solenemente: — Pois seja assim. Concedo-te a liberdade por oito dias; mas se, no fim deste praso, me não trouxeres a Princezinha Vera, serás enterrado vivo. Se conseguires trazê-la, perdoar-te-hei a pena e dar-te-hei tudo o que me pedires.

Muito satisfeito, o velho Jacinto declarou ao rei que, para reaver a princezinha, apenas necessitava que sua Magestade mandasse, imediatamente, prender a bruxa sarabulhenta, vesga e corcunda, maneta e côxa, chamada Milcaracois. E tudo mais ficaria ao seu cuidado.

Logo o Rei deu ordem para que, em menos de meia hora, enclausurassem na masmorra a velha bruxa.

Entretanto, Jacinto, munido-se duma linda gaiola, correu ao caramanchão onde os dois rouxinóis cantavam; armou-lhes uma laçada e apanhou-os vivos.

Assim que a Milcaracois, chorando e resmungando, entrou na prisão, Jacinto segurando a gaiola onde saltitavam os dois rouxinóis, foi ter com ela e disse-lhe: — «Sei que nestas duas ávezinhas encantaste a princezinha Vera e o princezinho Orlando. Se os não desencantares imediatamente, serás enterrada viva e se os desencantares ficarás presa mas não morrerás.

Que preferes? — «Prefiro morrer»; respondeu Milcaracois, convencida de que o diabo lhe podia valer. Quando, porém, entrou para uma grande cova, a fim de nela ser enterrada, e começou a sentir as pázadas de terra a cair-lhe em cima, pôs-se a gritar:

— *Ai suspendei, suspendei,
deixai ver os rouxinóis,
que eu prometo ao vosso rei,
desencantá-los aos dois!*

Imediatamente trouxeram a gaiola, e a Bruxa, já meia enterrada, gritou da cova:

*Renego o Diabo
que vale bem pouco,
pois não me valen;
e agora eu invoco
a côrte do céu!*

*Que os Anjos celestiais
transformem os rouxinóis
nos princezinhos reais,
os princezinhos que sois;*



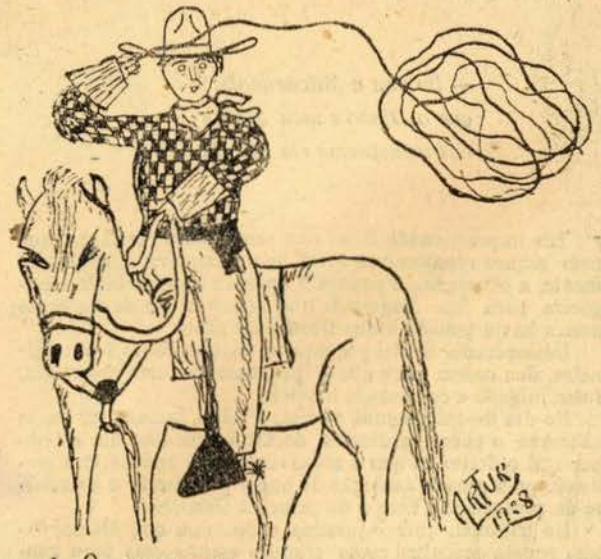
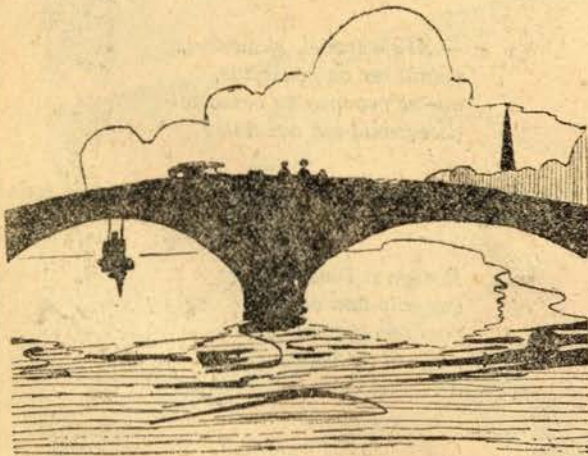
Súbitamente um grande estampido se ouviu e do espaço baixaram os príncezinhos noivos. Conduzidos à presença do pai da princezinha pelo velho jardineiro, este pediu-lhe como única paga, o consentimento para que a princezinha casasse com o príncipe Orlando. Jacinto e Milcaracois, que pelo seu sincero arrependimento foi posta em liberdade, foram os padrinhos do casamento. Oito dias depois foram coroados reis dos dois meios Reinos Unidos e o papagaio, que os salvou, coroado, também, o Rei dos papagaios.

■ F I M ■



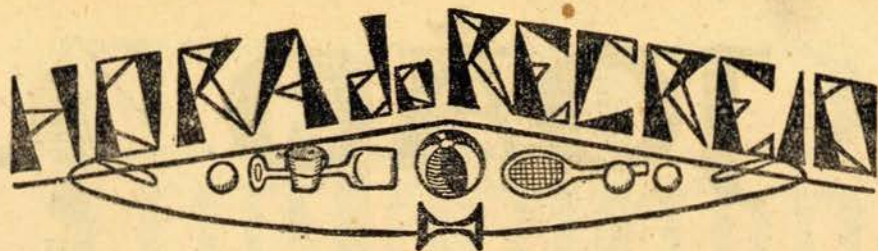
■ COLABORAÇÃO INFANTIL ■

UMA PONTE SOBRE O AVE



Artur C. Santa Barbara - 14 anos de idade.

Constantino S. Martins - 12 anos de idade



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA

HORIZONTAIS

1 — Nota de música — 3 — Folha larga e pouco espessa mas rija — 6 — Irmão — 8 — Parte do corpo humano — 9 — Casa — 10 — Pronome neutro de origem arabe — 12 — Artigo — 13 — Pronome pessoal — 16 — Cór — 18 — Vogais — 19 — Nome — 21 — Interjeição — 22 — Artigo — 25 — Semblante — 27 — Gargalhar — 28 — Preposição — 30 — Nome de mulher — 32 — Idem — 33 — Consoantes — 34 — Pronome — 36 — Abraço — 37 — Vogais.

VERTICAIS

2 — Acto de sobrepôr — 3 — Utensílio — 4 — Animal doméstico — 5 — Vogal e consoante — 7 — Artigo — 8 — Enfermidade — 9 — Da ovelha — 11 — Pronome absoluto — 12 — Vogais — 13 — Tempo de verbo — 14 — Nota de Música — 15 — Parte do corpo — 16 — progenitor — 17 — Parente — 20 — Parte do tempo — 23 — Coito — 24 — Crer — 26 — Interjeição — 29 — Bíblia — 31 — Lavar — 34 — Recursão — 35 — Interjeição.

ANEDOTAS

Um borrachão, que folheava um tratado de história natural, leu o seguinte parágrafo:

«O camelo é um animal que pôde trabalhar oito dias sem beber.»

Fica a meditar um bocado e exclama:

— E' o contrário do que se passa comigo; eu sou um animal que posso beber oito dias sem trabalhar.

Num curso de inglês, o professor esalfase para obrigar o aluno a pronunciar o *ê* como *ai*.

O professor bate na testa e de repente grita:

— Vire-se, menino!

E coça-o com um enorme pontapé no «rés do chaussée» do lombo.

— Ai! exclama a criança.

— Ora até que emfim!

Um sujeito, que tinha alcançado para o filho um belo emprêgo, que mais podia chamar-se «nicho», diz para um amigo:

— Meu filho apanhou um emprêgo, em que está como o peixe na água.

— Que diabo faz êle para estar tão bem?

— Como o peixe.

— E o que faz o peixe?

— «Nada»!

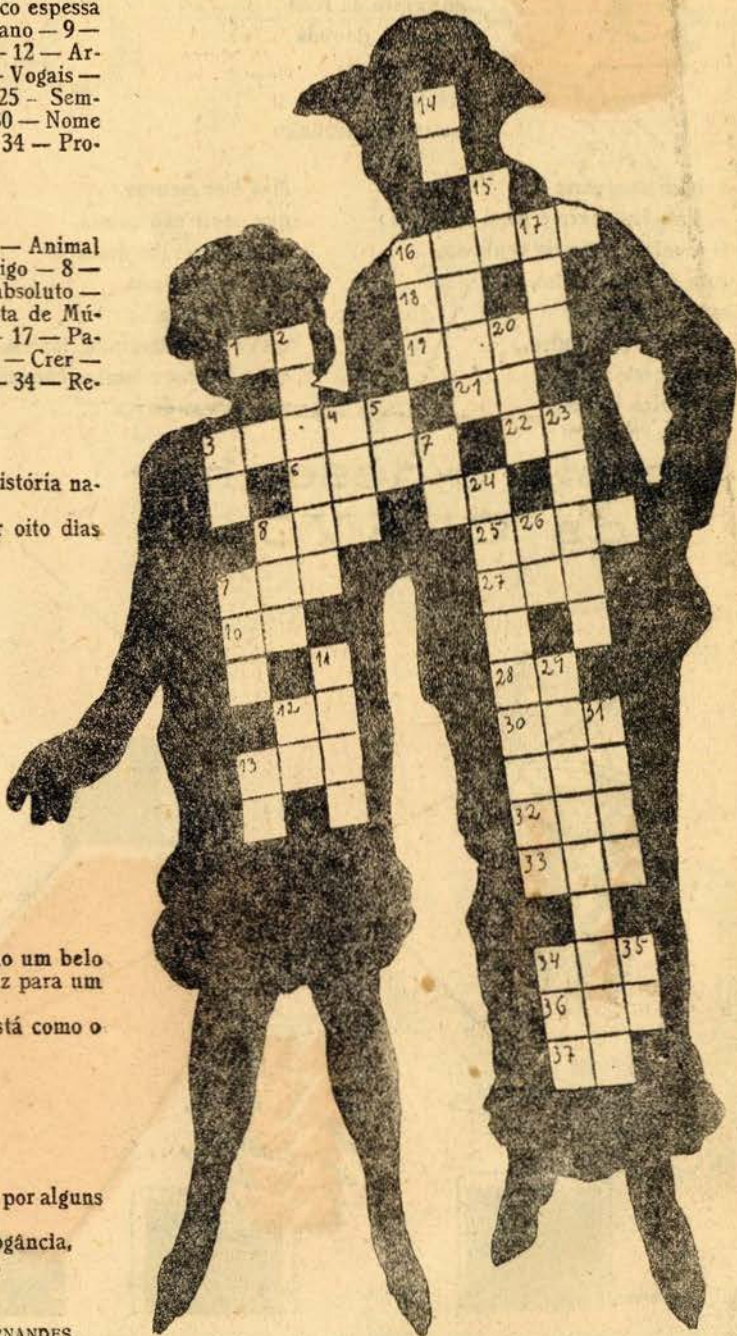
Um êbrio discursa no meio da praça, cercado por alguns curiosos:

— Gastei hoje uma libra! — exclama com arrogância,

— Em vinho? pergunta um dos circunstantes.

O bêbedo com ar de desprezo,

— Não, senhor; foi em ouro.



S. JOÃO



A dança de roda,
no centro da roda,
que roda de roda
e até rodopia,
menino Tóninho
parece um tontinho

a rodar sem parar!

— Inda ha pouco o papá lhe dizia:
O menino, se assim continúa,
com saltos de pôtro,
a fazer capicua,
dum lado pr'ó outro,
vai decerto lançar
o seu rico jantar!

Mas êsse menino

que ouvir não queria,
o que o pai lhe dizia,
a rodar continúa
e até rodopia...
mas ai que, tontinho, tonteia
e aos bordos e tombos baqueia
nas pedras da rua...

Poesia e desenho
de OLAVO

